O ENSINO DE GEOGRAFIA URBANA E SUAS POTENCIALIDADES PARA A FORMAÇÃO CIDADÃ

Silvana Alves Silva
Universidade Federal de Goiás
E-mail: sisipj@gmail.com

Resumo:
O presente trabalho tem como temática a abordagem do ensino de Geografia urbana e as suas potencialidades para a formação cidadã. Nossos esforços se concentraram na iniciativa de pesquisar e defender a Geografia urbana, como uma temática instrumentalizadora para o processo de formação da cidadania. Neste sentido a metodologia utilizada consistiu em uma revisão bibliográfica, a fim de trazermos em cena os autores que nos proporcionam combustível para a movimentação dos nossos argumentos em prol da Geografia urbana. Esses estudos nos permitem sugerir conteúdos que colaboram para as iniciativas desse processo, que estejam alicerçados em nos encorajar a exercer cidadania. Para a organização de nosso trajeto apresentaremos este texto estruturado na apresentação da metodologia e dos resultados e ousaremos fazer uma breve discussão diante dos elementos verificados.

Palavras-Chave: Ensino de Geografia; Geografia Urbana; Cidadania.

Introdução

O presente trabalho tem como temática do ensino de Geografia urbana e as suas potencialidades para a formação cidadã. Nossos esforços se concentram na iniciativa de fazer com que o ensino de Geografia auxilie no processo de formação para a cidadania.

A ciência geográfica ao longo do tempo desenvolveu certos compromissos para com a sociedade. Entre os espaços institucionais que dispõem de recursos para seu desenvolvimento, a escola tem sido uma referência. O espaço escolar se configura como local da educação. A educação escolar, assim como a ciência geográfica, se organiza com muitos objetivos diante da sociedade. Um objetivo comum a estes é a formação para a cidadania. A educação geográfica pode ser assim um requisito importante para a formação cidadã, uma vez que o conceito de cidadania, como argumenta Gomes (2002), tem por sua base um componente espacial. Nesse

sentido facilmente identificamos que ao analisar o espaço, a Geografia pode contribuir para a formação cidadã.

Entre esses espaços que a Geografia analisa, encontramos o espaço urbano, como sendo um espaço onde o conceito e as ações de cidadania foram mais desenvolvidos. Como defende Oliveira (2011), é nesse espaço delimitado politicamente, e na rede de lugares que o compõem, que a cidadania deixa de ser um em si e assume a sua dimensão mais concreta e cotidiana como uma práxis possível. Diante disso nos debruçamos diante das exigências da vida cotidiana para descobrir através do estudo da cidade, os conhecimentos potencializadores para a formação cidadã. Sendo assim temos um pergunta central que permeia o nosso trabalho: Quais são os conteúdos de geografia imprescindíveis para esta apropriação da cidade no ensino? O objetivo central que motiva nossos estudos é entender como a Geografia urbana pode oferecer potencialidades para a formação cidadã.

Metodologia

A metodologia utilizada para o alcance destes objetivos é conceituada como revisão bibliográfica. Organizamos preferencialmente aqui, uma pesquisa bibliográfica, porque buscamos condicionar as experiências e percepções aos estudos e constatações dos autores aqui citados. A pesquisa bibliográfica nos permite assim dar maior legitimidade as nossas inquietações e afirmações, ao mesmo tempo nos leva a sensação de pertencimento a um grupo que reflete e se movimenta a expressar suas defesas em prol de uma educação cada vez mais coesa. Neste caminho buscamos explorar a contribuição de alguns autores, tais como Santos (2011), Cardoso (2011), Cavalcanti (2008), Vlach (2011). Nesses referencias encontramos argumentos sólidos que colaboram para o cumprimento do nosso objetivo.

Resultados e Discussão

A Geografia urbana apresenta potencialidades como sendo o ramo da Geografia selecionado para proporcionar um auxílio mais significativo para a formação cidadã, confiantes

na promoção do ensino utilizando da afirmação de Santos (1996), ao certificar que a cidadania sem dúvida se aprende. Sendo assim ela se torna um estado de espírito, enraizado na cultura, cultura esta que também é promovida pela educação escolar.

Apostamos que os conhecimentos e conteúdos da Geografia Urbana quando trabalhados de maneira adequada poderão tocar na realidade do aluno, que tem uma relação com a cidade, por ser um morador e um usuário dos serviços oferecidos pela cidade. Viver nesse espaço que é a cidade significa que o espaço urbano, como aponta Santos (2011), é aqui selecionado como contexto predominante em função de as cidades estarem assumindo, cada vez mais, a direção da vida cotidiana no país como um todo. Afirma-se que a tendência da população atual é de se concentrar nas cidades, prova disso está no fato de que mais de 80% dos brasileiros vivem em cidades. O fato de viver nas cidades acaba, assim, levantando direcionamentos para o ensino, pois o cenário da cidade irá ser o contexto real dos alunos. Como sugere Santos (2011), parte-se do pressuposto de que estar e viver em cidades traz consequências para aprender e ensinar Geografia em cidades. Ainda de acordo com esse autor, o urbano passa a ser a grande referência de sociabilidade e de vida moderna, influenciando e estando presente em outros contextos socioespaciais.

É pertinente para os professores de Geografia estarem atentos a questões como essas. Na continuidade das reflexões de Santos (2011), devemos nos perguntar: de que forma a cidade e todos os seus elementos são tomados como recursos didáticos para a compreensão dos fenômenos socioespaciais? Sobre o uso da cidade, Cavalcanti (2008) defende:

> A cidade é educadora: ela educa, Ela forma valores, comportamentos; ela informa com sua espacialidade, com seus sinais, com suas imagens, com sua escrita. Ela também é um conteúdo a ser aprendido por seus habitantes. No entanto, as possibilidades de leitura abrangente da cidade dependem de uma formação do cidadão. (CAVALCANTI, 2008, p. 74).

Nesse sentido, estabelecemos uma relação: a possibilidade de ler a cidade de forma mais abrangente depende da formação do cidadão, isto implica em afirmar que a formação da cidadania poderá favorecer um modo de vida, poderá ajudar a usar melhor a cidade, buscar

visualizar as questões que interferem em nossas atividades cotidianas e a vislumbrar possíveis alternativas e soluções.

Também Cardoso (2011) é claro ao defender a ideia da necessidade de compreender a concepção de uma Didática Urbana para enveredar na cidade e no urbano nos diversos níveis de ensino e, assim como em Cavalcanti (2008), considera a cidade como campo do conhecimento, lugar a ser aprendido pelas pessoas, em especial pelos habitantes.

Santos (2011), nesse mesmo sentido, expõe em evidência o quanto é plausível vermos a cidade como importante referência das ações pedagógicas. Ela torna-se assim imprescindível para fazer valer o princípio da contextualização na escolarização, além de poder contribuir para a construção de uma cidadania mais efetiva.

O estudo da dinâmica intra-urbana será, portanto, de muita legitimidade para pensarmos em um caminho que podemos percorrer para fazer esta leitura da cidade. E esta leitura deseja revelar aspectos que sensibilizem os participantes do processo de ensino e aprendizagem para a formação cidadã, como aponta Cavalcanti (2008), em uma compreensão mais ampla de cidade, que envolve uma visão realista de cidade mais democrática.

Encontramos na geografia Urbana indicativos sólidos e peculiares para este olhar sobre a cidade. Não se trata aqui de repassarmos este como se fosse um passo a passo para o professor, indicando a ele como proceder para que seus alunos entendam a cidade, pois não se trata de apresentar uma receita. O que se argumenta aqui são propostas e ponderações que podem servir de base e orientação para o trabalho docente. Sabemos que as realidades das cidades brasileiras são divergentes e, como já defendemos, o uso do contexto sócio espacial pode ser elucidado pela categoria lugar, assim como outras categorias adiante indicadas.

O uso das categorias irá fornecer autonomia para que no processo de ensino e aprendizagem a Geografia Urbana contemple a realidade de vivência dos professores e alunos envolvidos. A forma de abordagem da Geografia Urbana pode ser muito diversa, mas em alguns pontos ela traça parâmetros para que o estudo e o processo de ensino e aprendizagem ocorram com seu auxilio. Utilizaremos propostas de dois autores para exemplificar esse caminho de estudo da cidade, sendo eles Cardoso (2011) e Cavalcanti (2008).

Segundo Cardoso (2011), existe interesse de recentes grupos de que se atribua um marco alternativo que aborde o estudo da cidade como conhecimento escolar. Ele sintetiza esta abordagem na "trilogia da pedagogia da cidade" que é descrita no seguinte trecho:

> Deste modo, interrelacionar três dimensões do conhecimento com três dimensões pedagógicas; uma é aprender na cidade quando se examina as instituições, os equipamentos, as normas, os modos de transportes e a circulação da cidade. Isto implica numa cognição que requer a ação de conhecer a cidade. Outra dimensão do conhecimento é de feição afetiva, investiga como aprender da cidade: os modos de vida e as atitudes sociais, os valores, as tradições e os costumes no sentido de ajustar o sentimento de pertença e de uso, concorrendo para a inclusão do ser social nos lugares por e poderes instituídos. A terceira dimensão pretende apreender a cidade através da psicomotricidade, que se efetiva no momento que se compreende o seu desenho, o seu tamanho, a sua forma e gênese, além da estruturação das relações campo-cidade. Tudo isto conduz a uma ação consciente (a cidade pensada) de intervenção prática efetiva da cidadania. (CARDOSO, 2011, p. 70-71).

É possível detectar uma semelhança entre a forma de abordagem instruída por Cardoso (2011) com as considerações de Bernet (1997), ao falar das cidades educadoras:

> Há três dimensões da relação entre a educação e a cidade. A primeira consiste em considerar a cidade como conteúdo de educação, com suas instituições, seus recursos, suas relações, suas experiências. Essa dimensão se identifica coma frase: "aprender na cidade". A segunda dimensão é a que considera o meio urbano um agente educador, um emissor de informação e de cultura; trata-se do "aprender da cidade". A terceira dimensão é a que considera a cidade como conteúdo educativo, e a expressão que a define é "aprender a cidade". Nesse particular, é a escola a agencia principal dessa dimensão, podendo ajudar crianças e jovens a aprender a fazer a leitura de suas cidades. (BERNET, 1997 *aput* CAVALCANTI 2008, p. 73).

A proposta de Cavalcanti (2008) nos aponta para o uso das chamadas categorias de análise da geografia:

> Para fazer essa leitura da espacialidade, a geografia tem-se utilizado, ao longo de sua constituição como ramo cientifico, de certas categorias que lhe dão identidade.[...]lugar, paisagem, território, região, natureza, sociedade.[...]Além destas categorias, que são gerais para a análise geográfica e que vão orientando um determinado olhar para acidade, há outras que são importantes para delinear o enfoque da análise do urbano. (CAVALCANTI, 2008, p. 64).

As categorias que Cavalcanti (2008) aponta como importantes para a análise do espaço urbano são as seguintes: a escala, a paisagem e o espaço, a cidade, o urbano e a produção do espaço. Somado a estas características, a autora orienta ainda que ao fazer o estudo da dinâmica interna da cidade devemos considerar a produção, a circulação e a moradia. Além destes importantes encaminhamentos, Cavalcanti (2008) indica que a compreensão do tema cidade pelos alunos exige tratamento interdisciplinar, requer a formação de um sistema amplo de conceitos, a aquisição de muita informação e o desenvolvimento de uma série de capacidades e habilidades, compreendendo a cidade como lugar que abriga, produz e reproduz cultura, e cidadania como exercício do direito a ter direitos, que cria direitos no cotidiano, na prática da vida coletiva e pública.

Todo este rol de conteúdos, que envolve os compromissos e responsabilidades da ciência geográfica, certamente deve ser tratado pela Geografia Urbana e é justamente no encaminhar dessas exigências que argumentamos a respeito de que este ramo da Geografia tem plenitude para desempenhar suas potencialidades para a formação cidadã, na estruturação de conceitos que o ajudarão a entender os processos de organização social, em especial as organizações que ocorrem nos espaços urbanos. Entre estes conceitos apontamos alguns como cidade, segregação urbana, região metropolitana, metrópole, processo de urbanização, solo urbano, conurbação, infraestrutura urbana, mancha urbana.

Além destes conceitos, destaca-se os espaços de uso coletivo, afinal eles minimamente representam espaços potencialmente públicos, onde existe sociabilidade, onde há partilha, inclusive dos problemas referentes à cidade. Segundo Gomes (2002) o espaço público é simultaneamente o lugar onde os problemas se apresentam, tomam forma, ganham uma dimensão pública e, simultaneamente, são resolvidos. Sendo assim, se desejamos formar cidadãos que busquem alternativas para problemas comuns, focar no estudo dos espaços públicos é necessário.

Cavalcanti (2008) afirma que esse enfoque deve ser um elemento para a prática da gestão urbana, democrática e participativa, que favorece o exercício da cidadania. Juntamente à compreensão desses conceitos, é importante ressaltar que eles devem ser estudados de forma

articulada, com os pés na realidade de vida das cidades brasileiras e em particular com a cidade - contexto dos alunos.

Além desses conceitos, a Geografia Urbana tem uma especial ligação com a formação cidadã, no sentido de ser um ramo da ciência geográfica que tem clareza a respeito das leis que gerem o espaço urbano. Segundo Cavalcanti (2008), atualmente há maior consciência da necessidade de formação de cidadãos para a participação nos projetos de planejamento e gestão urbanos, nas decisões com respeito aos destinos da cidade.

Ao proporcionar o acesso ao conhecimento destas leis, a formação cidadã encontra combustível e argumentos para a defesa dos direitos de utilização dos serviços e equipamentos da cidade, bem como os outros direitos.

Temos falado até aqui sobre as vantagens e potencialidades da Geografia Urbana escolar para a formação da cidadania. Junto às potencialidades também temos discernimento para apontar os desafios socialmente originados, que se apresentam e que interferem diretamente nesse processo. O conceito de cidadania e a formação para o seu exercício se apresentam aqui como os mais desafiadores. Afinal que tipo de cidadania a Geografia Urbana deseja e é capaz de promover? Qual é a cidadania conceituada pelos meios de comunicação que são autores de forte peso na formação de conceitos e opiniões acerca de questões como essas? Sobre esta questão, explica Santos (1996):

> Em nenhum outro país foram assim contemporâneos e concomitantes processos como a desruralização, as migrações brutais desenraizadoras, a urbanização galopante e concentradora, a expansão do consumo de massa, o crescimento econômico delirante, a concentração da mídia escrita, falada e televisionada, a degradação das escolas, a instalação de um regime repressivo com a supressão dos direitos elementares dos indivíduos, a substituição rápida e brutal, o triunfo, ainda que superficial, de uma filosofia de vida que privilegia os meios matérias e se despreocupa com os aspectos finalistas da existência e entroniza o egoísmo como lei superior, por que é o instrumento da buscada ascensão social. Em lugar do cidadão formou-se um *consumidor*, que aceita ser chamado *usuário.* (SANTOS, 1996, p.12-13).

Sobre o que é ser cidadão, também Vlach (2011) aponta indicativos, ao defender que a cidadania inclui a autonomia do Ser, ou deve levá-lo à autonomia, sem a qual ele não participa ativamente da gestão da sociedade. Mas, infelizmente, assim como já colocou Santos (1996), a cidadania plena se confunde com o acesso aos bens de consumo:

> Acrescenta-se que o caráter estatal da cidadania brasileira, como conjunto de direitos e deveres 'concedidos de cima para baixo' em uma sociedade muito desigual marcada por excessiva concentração da renda, acabou por estruturar uma situação em que a maioria da população embora desfrutando do direito ao voto, por exemplo, não teve acesso aos demais direitos. Paralelamente, essa não se viu como sujeito, isto é que atua, reivindica, propõe ações. Ou, usando outras palavras, não acessou a cidadania plena. Urge, pois fazê-lo, ponderando que a cidadania plena não se confunde com o acesso aos bens de consumo. (VLACH, 2011, p. 19).

Sobre esta confusão entre consumo e cidadania, encontramos em Cavalcanti (2008) esclarecedoras palavras, e uma alternativa que classifico como estratégica e surpreendente. A autora diz que é útil articular consumo e cidadania, pois, do ponto de vista dos cidadãos e de sua vida cotidiana, a pratica do consumo é uma das vias concretas de vivenciar o direito à produção social, o direito à inclusão, o direito à participação. Entretanto, é essencial que ao fazer esta articulação estejamos atentos para a maneira de se entender o consumo:

> Não se pode sustentar essa equivalência reducionista numa visão democrática de sociedade. O consumo é ingrediente da cidadania. Ao consumir, o indivíduo constrói sua cidadania. Mas esse consumo não pode ser entendido apenas do ponto de vista das necessidades individuais e supérfluas, pois ele integra a prática cotidiana da vida também do ponto de vista cultural, material e social. Nesse sentido, é direito do cidadão consumir, usar, usufruir, material e espiritualmente, de sua cidade, de tudo que ela tem; apreciar seus lugares, ter condições para admirar suas paisagens, seus lugares públicos, compartilhar com outros do consumo desses lugares; além do cidadão consumir na cidade, consumir de fato seus objetos (nas lojas, nos supermercados, nas áreas de lazer, no cinema, nos museus). (CAVALCANTI, 2008, p. 98).

Muitos autores, ao fazer uma definição sobre cidadania, delimitam três campos para o seu exercício. Conceitua-se assim que o cidadão deve explorar seus direitos civis, políticos e sociais. Nesta linha de raciocínio, entendemos que no espaço urbano o cidadão tem possibilidade e necessidade de fazer uso dos serviços e participar de atividades que garantam a exploração de seus direitos nesses três campos. Cabe à Geografia Urbana escolar, ao ensinar os temas relativos à cidade, orientar e potencializar a formação do aluno para a conscientização desses direitos.

Considerações finais

Na edificação de nossa utopia real, aos poucos acabamos por esclarecer qual é o tipo de cidadania que a ciência geográfica, e em decorrência a Geografia urbana, deseja dispor suas potencialidades para auxiliar nesse exigente processo. Esta cidadania é justamente a cidadania de sujeitos autônomos, pensantes sobre a sua realidade e seu papel. Instrumentalizados pelos conhecimentos e saberes da Geografia urbana, e munidos de ferramentas que possibilitem o raciocínio espacial, em especial dos espaços urbanos.

Classificamos assim três adjetivos indispensáveis a estes sujeitos de direitos: espera-se que sejam críticos, criativos e competentes. Desejamos formar sujeitos críticos para que eles pensem politicamente sobre todos os elementos e instituições que fazem a gestão da cidade, para que pensem para além das aparências e para que valorizem o bem comum a todos os habitantes da cidade. Criativos consequentemente, para que, ao primarem pelo bem comum, sejam capazes de propor alternativas cabíveis e eficazes, para que a qualidade de vida nas cidades seja uma realidade. E por fim competentes para desempenhar seus papéis em suas atividades profissionais e pessoais, cumprindo deveres e gozando dos direitos de exercerem seus direitos como cidadãos e sujeitos do agora.

Apresentadas as potencialidades que a Geografia urbana tem a oferecer para a formação cidadã, juntamente com algumas proposições e desafios enfrentados pela mesma, no findar deste texto, nos prontificamos a reconhecer que o ensino de Geografia urbana, tem muito a contribuir para este processo, mas concluímos que se é indispensável pensar e repensar em metodologias adequadas para esse fim. No mais o trabalho do professor está nas entrelinhas dessa discussão. O que se almeja é coragem e disposição para reconhecer a cidade como uma grande promotora dos conteúdos que podem vislumbrar o exercício da cidadania.

Referências

CARDOSO, Carlos Augusto Amorim. A cidade, a educação e o ensino. In: CAVALCANTI, Lana de Souza; BUENO, Miriam Aparecida; SOUZA, Vanilton Camilo de; (Orgs.).

Produção do Conhecimento e pesquisa no ensino de Geografia. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade: Ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana.** Campinas, SP: Papirus, 2008.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

OLIVEIRA, Márcio Piñon de**. Para compreender o "Leviatã urbano". A cidadania como nexo político- territorial.** In: CARLOS, Ana Fani Alessandri et al. (Orgs.) A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011.

SANTOS, Enio Serra dos. **A educação geográfica de jovens e adultos trabalhadores no contexto urbano.** In: CAVALCANTI, Lana de Souza; BUENO, Miriam Aparecida; SOUZA, Vanilton Camilo de; (Orgs.). Produção do Conhecimento e pesquisa no ensino de Geografia. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1996

VLACH, Vânia Rubia Farias, **Ensino de geografia, pesquisas, referenciais teórico-metodológicos: a atuação dos jovens no mundo atual**. In: CAVALCANTI, Lana de Souza; BUENO, Miriam Aparecida; SOUZA, Vanilton Camilo de; (Orgs.). Produção do Conhecimento e pesquisa no ensino de Geografia. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011.